

ENSINO DE BIOLOGIA EM PERSPECTIVA: TESSITURAS ANALÍTICAS SOBRE UM CAMPO EM (RE)CONSTRUÇÃO ATRAVÉS DA MATERIALIZAÇÃO DOS ENCONTROS NACIONAIS DA SBEnBio

TEACHING BIOLOGY IN PERSPECTIVE: ANALYTICAL TEXTURES ON A FIELD UNDER (RE)CONSTRUCTION THROUGH THE MATERIALIZATION OF THE NATIONAL MEETINGS OF SBEnBio

José Firmino de Oliveira Neto¹
Elisandra Carneiro de Freitas Cardoso²
Marilda Shuvartz³

RESUMO: O presente manuscrito objetiva (re)pensar o movimento de (re)reconstrução do campo do Ensino de Biologia a partir de tessituras analíticas das nove edições do ENEBIO. Para tal, desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa, alinhada aos pressupostos da pesquisa bibliográfica, sendo que as fontes de dados para o levantamento da programação do evento ao longo de sua história se constituíram de cadernos de programação, anais, artigos e livros publicados pelos agentes individuais e institucionais do campo. A pesquisa priorizou o levantamento de informações em três eixos: 1) Temática, Ano e Universidade responsável; 2) Cartaz e/ou identidade visual e 3) Programação Geral das nove edições do ENEBIO, sendo que neste manuscrito nos dedicamos às informações do eixo 2 e 3. Dado o exposto, as tessituras reflexivas que empreendemos neste manuscrito nos permitem elucidar os objetos de estudo e os bens acadêmicos que caracterizam o Ensino de Biologia enquanto campo de pesquisa, científico e acadêmico em transformação.

Palavras-chave: Ensino de Biologia. Campo de estudo/pesquisa. SBEnBio. ENEBIO.

ABSTRACT: This manuscript aims to reflect on the movement to reconstruct the field of Biology Teaching based on analytical frameworks from the nine editions of ENEBIO. To this end, we developed a qualitative study, aligned with the

¹ Doutorado em Educação em Ciências e Matemática. Docente da Faculdade de Educação - Universidade Federal de Goiás. Contato: josefirmino@ufg.br

² Doutora em Educação em Ciências e Matemática. Docente da Unidade Acadêmica Especial de Ciências Humanas - Universidade Federal de Goiás, Câmpus Goiás. Contato: elisandra_carneiro@ufg.br

³ Doutora em Ciências Ambientais. Docente do Instituto de Ciências Biológicas - Universidade Federal de Goiás. Contato: marildas27@gmail.com

assumptions of bibliographic research, and the data sources for surveying the event's program throughout its history consisted of program notebooks, proceedings, articles, and books published by individual and institutional agents in the field. The research prioritized the collection of information in three axes: 1) Theme, Year, and Responsible University; 2) Poster and/or visual identity; and 3) General Program of the nine editions of ENEBIO. In this manuscript, we focus on information from axes 2 and 3. Given the above, the reflective frameworks that we undertake in this manuscript allow us to elucidate the objects of study and the academic assets that characterize Biology Teaching as a research, scientific, and academic field that are undergoing transformation.

Keywords: Biology Teaching. Field of study/research. SBEnBio. ENEBIO.

*“O que vale na vida não é o ponto
de partida e sim a caminhada.
Caminhando e semeando, no fim
terás o que colher”*

Cora Coralina.

INTRODUÇÃO

A escrita deste manuscrito se propõe a oportunizar uma contribuição para se (re)pensar e problematizar - crítica e reflexivamente, os movimentos que historicamente tem (re)constituído o Ensino de Biologia como um campo do conhecimento que se configura em movimento e por isso, como alude Diniz-Pereira (2013, p. 146) para o campo da formação de professores(as): “dinâmico, movediço e inconstante”. A esse respeito, Santos *et al.* (2022, p. 333) no texto de apresentação do dossiê publicado pela Revista Brasileira de Ensino de Biologia, em comemoração aos 25 anos da Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio), reiteram que “[...] são mais de duas décadas tecidas por muitas histórias, afetos, perspectivas, memórias, lutas, desafios, práticas formativas, autoformativas e resistências marcadas pelos encontros nacionais e regionais”.

Assim, um campo de lutas e interesses (epistemológico, econômico, ético, político e estético) em que diferentes agentes em uma relação de força e poder produzem conhecimento sobre o Ensino de Biologia, o que inclui majoritariamente pesquisas que abarcam a formação inicial e continuada de professores(as): instituições (cursos), políticas, programas e ações e a

organização do trabalho pedagógico na/para aula de Biologia: currículos e programas, conteúdos e métodos e recursos didáticos.

Para tal, concebemos a produção do conhecimento científico como uma prática social. A ciência enquanto uma construção do humano que está imbricada a dinâmicas sociais, culturais, econômicas, históricas, geográficas, éticas e políticas. Diante disso, as atividades na comunidade científica são (re)construídas coletivamente e de maneira dialógica, o que inclui a (re)elaboração dos problemas de pesquisa que movimentam distintos campos do conhecimento.

Nesse ínterim, o campo do Ensino de Biologia, como revela a pesquisa de Teixeira (2015, p. 01), “[...] atingiu quatro décadas em movimento caracterizado por processos de expansão, diversificação e consolidação como campo de investigação dentro da área de Educação em Ciências”. E assim, torna-se importante acompanhar sua dinâmica em transformação e, transfiguração, para apreender os condicionantes lógico-históricos que têm mobilizado os agentes do campo, bem como reconhecer objetos de estudo, pesquisadores(as), eventos científicos e revistas especializadas, de modo a analisar o conjunto de dados históricos e bens acadêmicos⁴ do campo.

Dessa maneira, o presente manuscrito objetiva (re)pensar o movimento de (re)reconstrução do campo do Ensino de Biologia a partir de tessituras analíticas das nove edições do Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENEBIO). As análises que empreendemos dizem do ENEBIO, posto que o concebemos como um *tempoespac*o de produção e socialização das pesquisas empreendidas pelo campo no contexto brasileiro e, portanto formativo de seus agentes, por uma dinâmica de debates, embates e produção de consensos, que tem fortalecido grupos e linhas de pesquisa em programas de pós-graduação *stricto sensu*. E ainda, o fato de que o evento tem ao longo de sua trajetória aglutinado pesquisadores(as) de diferentes regiões e Universidades brasileiras, de modo a ser expoente da diversidade e magnitude da produção sobre Ensino de Biologia no país.

⁴ Para Casagrande e Mainardes (2021, p. 119), os bens acadêmicos “[...] refere-se a: Cursos de Graduação e/ou Pós-Graduação; linhas de pesquisa, grupos e redes de pesquisa, periódicos especializados, associações/entidades científicas; eventos especializados, disciplinas e todas as produções e publicações deles provenientes”.

Shuvartz (2022, p. 48) ao mobilizar esforços para (re)constituir uma narrativa crítico-reflexiva das suas vivências enquanto professora e pesquisadora no enlace com a SBEbio e, portanto também com o ENEBIO, afirma que:

A participação nos eventos nacionais e regionais, o movimento de apresentação de trabalhos e a busca pela ampliação de associados para a Regional 4 constituem um *continuum* na minha vida profissional, por considerar que esta era uma sociedade que me representava como docente da formação de professor de Ciências e de Biologia. Nessa conjuntura, é importante elucidar que essa participação ativa na Regional 4 está imbricada a um processo de compreensão do coletivo na produção e divulgação do conhecimento científico, pois ser-estar professor atuante é se (re)constituir com o outro.

Somamos aos apontamentos que realizamos o aumento expressivo do número de trabalhos (relatos de pesquisa, relatos de experiência e produção de material didático) submetidos, apresentados e publicados nos Anais dos ENEBIO. Conforme os Anais do I ENEBIO e III EREBIO RJ/ES, evento que ocorreu em 2005 no Rio de Janeiro/RJ: “[...] material que reúne, em torno da significativa temática *Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa*, 283 trabalhos de pesquisa, relatos de experiências docentes e produções de materiais didáticos realizados em 15 estados do Brasil” (Marandio et al., 2005a, p. 28), em detrimento de 800 trabalhos, submetidos nas categorias de relatos de pesquisa, relatos de experiência, produção de materiais didáticos e elaboração de jogos educativos no IX ENEBIO e VII EREBIO MG/GO/TO/DF, em 2024, realizado na cidade de Belo Horizonte-MG.

A reflexão caminha para a apreensão das temáticas que têm aparecido com mais frequência na programação das nove edições do ENEBIO⁵ e a elucidação de pesquisadores(as) que detêm a acepção dos “bens acadêmicos” do campo, na certeza de que esse necessita ser validado pelos pares que apresentam referência na produção científica, divulgação e emprego do conhecimento teórico-metodológico produzido (Militão, Oliveira, Fontana, 2024). No caso dos pesquisadores(as) o próprio convite para compor no ENEBIO conferências, mesas de discussão, painéis e outros configura uma posição de

⁵ A análise realizada levou em conta a programação geral do evento. No entanto, não nos debruçamos neste momento a análise de oficinas e/ou minicursos ofertados ao longo das nove edições do ENEBIO.

destaque no interior do campo, o qual está alinhado às pesquisas e/ou produções realizadas, mas também a amorosidade que é a marca registrada dos eventos. Afinal, como elucida Silva, Cunha e Cicillini (2022, p. 23), ao inventariar memórias do II ENEBIO e I EREBIO da Regional 4 MG/GO/TO/DF: “Elas nos remeteram a longa amizade pelo e com o ensino de Biologia. Longa amizade entre nós e nossa com muitas gentes - longa amizade prenhe de experiências amorosas e nem tão amorosas assim”. E ainda, Shuvartz (2022, p. 48) quando pontua que

[...] os eventos elegiam-se essencialmente em momentos de aprendizagem, oportunidades de publicizar as pesquisas, momentos de trocas, de afetos e de amizades, enquanto a educação em ciências e a educação brasileira se construíam. Um processo de (re)construção ativo, afetivo e rigoroso, logo, contraditório, afinal muitos são os sujeitos e as concepções de ciência, de educação, de processo de ensino-aprendizagem e de outros que margeiam.

Para tal, desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa (Oliveira, 2012), alinhada aos pressupostos da pesquisa bibliográfica conforme dispõe Lima e Mioto (2007). As fontes de dados para o levantamento das informações que apresentamos neste manuscrito foram o site da SBEnBio⁶, o perfil da associação e de edições do ENEBIO no *Instagram*, cadernos de programação e anais das edições do ENEBIO, artigos presentes no dossiê “Os 25 anos da SBEnBio”, publicado pela RENBIO⁷ em 2022 e os livros: 1) “Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa”, organizado por Martha Marandino, Sandra Escovedo Selles, Marcia Serra Ferreira e Antônio Carlos Rodrigues de Amorim, publicado em 2005⁸ e 2) “Trajetórias em festa: 15 anos da Regional IV da SBEnBio”, organizado por Gustavo Lopes Ferreira, Sandro

⁶ Site da Associação Brasileira de Ensino de Biologia: <<https://www.sbenbio.org.br/>>.

⁷ O dossiê pode ser encontrado no site da RENBIO: <<https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/issue/view/12>>.

⁸ “Este livro traz, para o ensino e Biologia, sentidos de encontros, pulsantes nas escritas que o formam, e que significam retratos, imagens que capturam movimentos das mesas redondas e palestras que, como registros, guardarão a história do “I Encontro Nacional de Ensino de Biologia & III Encontro Regional de Ensino de Biologia da Regional RJ/ES”, organizado pela Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia - SBEnBio - e realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro” (Marandino et al., 2005b).

Prado Santos, Guilherme Trópia, Ana Flávia Vigário e Cláudia Avellar Freitas, no ano de 2022⁹.

A pesquisa priorizou o levantamento de informações em três eixos: 1) Temática, Ano e Universidade responsável; 2) Cartaz e/ou identidade visual e 3) Programação Geral das nove edições do ENEBIO. Nessa busca, apenas não conseguimos localizar o cartaz e/ou identidade visual do I ENEBIO & III EREBIO RJ/ES e a programação geral do III ENEBIO & IV EREBIO Nordeste. As informações do eixo 1 foram tabuladas e analisadas em texto publicado pelos autores no IX ENEBIO e VII EREBIO MG/GO/TO/DF, em 2024 (Oliveira-Neto; Cardoso; Shuvartz, 2025). Assim, nos dedicamos neste escrito às informações do eixo 2 e 3 apresentados.

Dessa maneira, organizamos o texto em três partes. Inicialmente, no tópico “**O campo do Ensino de Biologia em (re)constituição**”, nos propomos a realizar uma contribuição para (re)pensar o campo do Ensino de Biologia no Brasil a partir de condicionantes históricos, bem como conhecimentos e valores que historicamente estiveram em disputa nesse. Organizamos o trecho a partir do estudo de diferentes pesquisadores(as) do campo da Educação, de maneira a fazer emergir a ideia de campo, e de pesquisadores(as) do Ensino de Biologia.

Apresentamos em seguida, no tópico “**O Encontro Nacional de Ensino de Biologia: tramas históricas, políticas e afetivas**”, onde elucidamos o delineamento histórico de constituição da SBEnBio e do ENEBIO como movimento de caracterização dos territórios que não apenas fomentam dados para as nossas ponderações, mas *tempoespacos* que (re)ordenam as narrativas de pesquisa e formação no campo do Ensino de Biologia. Por fim, elucidamos no tópico “**O Encontro Nacional de Ensino de Biologia em perspectiva: no ato de (re)encontrar-se, tessituras sobre um campo de estudo em movimentação**” um conjunto de reflexões-argumentações sobre os cartazes e/ou identidades visuais e a programação das nove edições do ENEBIO, sobre esse último abarcando necessariamente as temáticas e os pesquisadores(as).

⁹ O livro está disponível em formato digital e pode ser encontrado no seguinte endereço eletrônico:
<<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/999/o/TRAJETORIASEMFESTANOS15ANOSDAREGIONALIVDASBEBIO-versaofinal.pdf>>.

Logo, consideramos que evidenciar os condicionantes lógico-históricos que marcaram o ENEBIO em sua (re)existência, expõe e ressalta as marcas do Ensino de Biologia enquanto um campo de conhecimentos que se configura em transformação. E dessa maneira, ao rever a história através das temáticas e pesquisadores(as) que estiveram presentes nas atividades centrais do evento conseguir, mesmo que indiretamente, apontar caminhos para novos e oportunos rumos do campo, na certeza de que “não precisamos jogar fora as ferramentas com as quais operamos até então, mas observar criticamente em que medida outras ferramentas podem nos ser úteis” (Alves, 2007, p. 278). Assim, esperamos fazer vivificar a fala de Cora Coralina na epígrafe deste texto ressaltando a importância das trajetórias percorridas e abrindo frestas para outros possíveis.

O CAMPO DO ENSINO DE BIOLOGIA EM (RE)CONSTITUIÇÃO

A construção das reflexões que realizamos neste manuscrito se instituem a partir do conceito de campo proposto por Bourdieu (1994, 2004), tendo que a noção do mesmo

[...] é empregada para descrever e produzir conhecimento sobre espaços sociais estruturados pela e estruturadores das práticas dos agentes responsáveis pela produção dos bens simbólicos – as artes, a filosofia, a literatura, a ciência – que caracterizam as sociedades altamente diferenciadas (Ribeiro, 2015, p. 8).

Nessa premissa, o campo pode ser caracterizado como um conjunto de valores e formas de capital que lhe oportunizam (re)existir. Nas palavras de Pereira (2015, p. 341) o campo se configura como

[...] um microcosmo social dotado de certa autonomia, com leis e regras específicas, ao mesmo tempo em que influenciado e relacionado a um espaço social mais amplo. É um lugar de luta entre os agentes que o integram e que buscam manter ou alcançar determinadas posições. Essas posições são obtidas pela disputa de capitais específicos, valorizados de acordo com as características de cada campo. Os capitais são possuídos em maior ou menor grau pelos agentes que compõem os campos, diferenças essas responsáveis pelas posições hierárquicas que tais agentes ocupam.

Desta maneira, os agentes que atuam no campo oportunizam diferentes dinâmicas sociais que atuam na manutenção e alteração dos limiares

de força e distribuição das formas de um capital específico. Assim, são forjadas, de maneira consciente ou não, estratégias que se alinham ao *habitus* individual e dos diferentes grupos que constituem o campo e por sua vez, podem se encontrar em conflito.

Todo campo se caracteriza por agentes dotados de um mesmo *habitus*. Cada campo, além do *habitus* específico, possui o seu nomos que corresponde à lei fundamental que o rege, sua doxa, isto é, os pressupostos cognitivos e avaliativos aceitos e reconhecidos pelos agentes, sendo fortemente naturalizados e illusio as crenças compartilhadas (Fernandes, 2020, p. 24).

Ao estabelecermos relações com o conceito de campo precisamos, nesse viés, apreendê-lo de maneira relacional. E, portanto, é evidente que objetos e fenômenos se encontram em relação e transformação contínua, uma evolução determinada por condições sociais, econômicas, geográficas, históricas, políticas, éticas e estéticas (Pereira, 2015). Nessa lógica, nas dinâmicas orquestradas no interior dos campos do conhecimento são estabelecidas disputas, que exigem, segundo Pereira (2015, p. 341), “[...] tomada de posição, luta, tensão, poder [...]”.

Nesse limiar, a demarcação de campo do conhecimento e dos objetos que o constitui são questões salutares para os pesquisadores(as) das Ciências Humanas e Sociais, como reforça André (2010). Sendo que, a delimitação de um campo do conhecimento está imbricada a pertença de um objeto próprio. Como pondera Borba e Valdemanin (2010, p. 24)

A pesquisa, como atividade científica, nasce das questões que a realidade, de uma forma ou de outra, apresenta. No caso da pesquisa em educação, as questões estão, direta ou indiretamente, ligadas à ação educativa. Ao se voltar, então, para a ação educativa, a prática da pesquisa em educação recorre às teorias e aos métodos investigativos das ciências sociais e humanas e traz para a sua prática não só as contribuições mais importantes das ciências que estudam o homem na sua condição de humano, mas, também, suas dificuldades epistemológicas e metodológicas

A ciência se configura um campo social onde são estabelecidas relações de poder, luta, estratégias de manutenção e/ou alteração das relações de força e onde decorre a distribuição de capital específico. Nas palavras de Bourdieu (1994, p. 122), “o universo “puro” da mais “pura” ciência é um campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólio, suas lutas

e estratégias, seus interesses e lucros, mas onde todas essas invariantes revestem de formas específicas”.

Nesse limiar, localizamos nesse *tempoespac*o de produções simbólicas o campo Educacional Brasileiro. Fernandes (2020) considera que esse campo configura um território social que congrega diferentes agentes que podem ser indivíduos, a citar professores(as), estudantes, gestores institucionais e outros, ou instituições como o Ministério da Educação (MEC), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Instituições de Ensino Superior, Instituições Acadêmicas, Sindicatos, Programas de Pós-graduação, Secretarias Estaduais e Municipais, dentre outros.

Igualmente, concebemos a existência do campo do Ensino de Biologia dentro da área de Educação em Ciências, que em menor proporção, se estabelece pelos mesmos condicionantes do campo Educacional Brasileiro. Por este viés, o campo do Ensino de Biologia pode configurar um *tempoespac*o social que de maneira autônoma, estruturada e estruturante, a partir de diferentes agentes e instituições brasileiras e internacionais, movimentam a produção e reprodução de valores e produtos. Essa dinâmica, de avanços e retrocessos, acaba por marcar as estruturas e propriedades específicas que ao mesmo tempo que caracterizam o campo acabam por gerar a produção e o acúmulo de capital simbólico específico.

Adiciona-se que o campo se (re)faz mediado pela relação entre teoria-prática, posto que carece para sua movimentação de (re)estruturar diferentes objetos de pesquisa e agentes individuais e institucionais imbricados a realidade social de diferentes contextos de materialização da produção científica do campo, os quais ao mesmo tempo que são palco para sua efetivação também se configuram como produtores de conhecimento. Assim, o Ensino de Biologia enquanto um campo de pesquisa (Diniz-Pereira, 2013), científico (Bourdieu, 1994), acadêmico (Hey, 2008), mas também como objeto das políticas educacionais, já que há uma relação de interferência destas no campo, bem como desse nesse cenário das políticas.

E como exemplo desse delineamento nos reportamos a produção no campo do currículo para disciplina escolar Biología, desde a década de 1990, o qual a partir da proposição de diferentes documentos - Parâmetros Curriculares

Nacionais, Diretrizes Curriculares Nacionais e Base Nacional Comum Curricular a saber, movimentou a (re)constituição de diferentes pesquisas, sobretudo na Pós-graduação *stricto sensu*. E ainda, as mudanças no cenário da formação de professores(as) de Biologia que ao longo dos anos tem ganhado adequações que afetam os agentes do campo nos cenários da pesquisa, mas também no ensino e extensão universitária.

O Ensino de Biologia constitui um campo acadêmico (Hey, 2008), já que segundo os apontamentos de Casagrande e Mainardes (2021), está institucionalizado mediante diferentes políticas públicas, criação de associações científicas e reconhecimento dos pares no interior dessas, sobremaneira na SBEnBio e na Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC), constituição de programas de pós-graduação e linhas de pesquisa, criação de revistas científicas, eventos especializados - podemos citar a periódica realização do ENEBIO e dos encontros regionais da SBEnBio, e ainda, a constituição de redes de pesquisa que fomentem o trabalho coletivo e colaborativo, evidenciando objetos de pesquisa que caracterizam o campo.

Aludimos ainda que os “bens acadêmicos” de um campo congregam cursos de graduação e pós-graduação (*lato sensu* e *stricto sensu*), linhas de pesquisa, redes de pesquisa, revistas científicas especializadas, entidades científicas, eventos e disciplinas (Casagrande; Mainardes, 2021). A partir desses pressupostos, elucidamos a compreensão do Ensino de Biologia como um campo de conhecimento. E reforçando, o caráter multidisciplinar e multi-metodológico que ao mesmo tempo que determina o campo, também o apresenta interseccionado com outros campos, a citar o Ensino de Ciências, a Formação de Professores, as Políticas Educacionais e outros.

Nessa esteira, torna-se importante referir que o campo do Ensino de Biologia no Brasil tem produzido um conjunto sistemático de pesquisas e contribuído para mudanças em diferentes territórios educacionais em que o ensino da vida se (re)forma. Apoiados nos estudos de Teixeira (2008, 2015, 2022), Megid-Neto (2014) e Teixeira e Megid-Neto (2006, 2012, 2017) cabe mencionar que o ano de 1972 constitui-se como o marco da produção a nível de dissertações e teses defendidas na área de Educação em Ciências: “[...] nove pesquisas defendidas nesse ano: três teses de doutorado na USP; três

dissertações de mestrado na UFSM; e uma dissertação na PUC-RJ, na UnB e na UFRGS respectivamente” (Teixeira; Megid-Neto, 2006, p. 264). E que essa produção constitui um marco significativo para (re)estruturação do campo.

Nesse quantitativo encontram-se as três primeiras produções delineadas como do campo do Ensino de Biologia:

- i) Ieda Costa Marchiori, “Uma nova perspectiva da Biologia Educacional no currículo dos cursos de formação de professores primários” (Mestrado, Centro de Educação, UFSM); ii) Maria de Lourdes Mercier Medina, “A atitude cibernetica aplicada ao ensino de Biologia” (Mestrado, Centro de Teologia e Ciências Humanas, PUC-RJ); iii) Myriam Krasilchik, “O ensino de Biologia em São Paulo: fases de renovação” (Doutorado, Faculdade de Educação, USP) (Teixeira; Megid-Neto, 2017, p. 522).

No entanto, os estudos sobre a Educação em Ciências no contexto brasileiro ocorreu antes mesmo da configuração dos cursos de Pós-graduação, que está relacionado com as reformas no ensino de Ciências que ocorreram entre 1950-1960 nos Estados Unidos e na Inglaterra (Krasilchik, 2000; Marandino, Selles, Ferreira, 2018). Teixeira e Megid-Neto (2006, p. 263) afirmam que “esses movimentos tiveram forte repercussão aqui no Brasil, gerando reformas no ensino de Ciências no país entre 1950 e 1970”. E ainda, a Fundação do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, de Centros de Ciência nas capitais brasileiras e a implantação da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências e a criação de revistas de Ensino de Ciências no interior dessa Fundação, em anos subsequentes.

Embora, alguns pesquisadores(as) não concebem essas iniciativas como movimentos que visavam a pesquisa, corroboramos Megid-Neto (1999, p. 51) quando afirma que “tais iniciativas demarcam os primórdios da pesquisa acadêmica brasileira em ensino de Ciências, de natureza marcadamente aplicada nos primeiros momentos, do tipo pesquisa e desenvolvimento (P&D)”. Reiteramos ainda, que diferentes e importantes agentes da Educação em Ciências e do Ensino de Biologia atuaram nesses espaços nesse período, reforçando esses enquanto territórios em que saber e fazer ciência, a Ciência da Vida, ganhava prospecção.

Nessa conjuntura podemos citar o nome da professora Myriam Krasilchik, que como reporta Santos *et al.* (2022, p. 338) é uma professora-

pesquisadora “[...] pioneira na área de Ensino de Ciências no Brasil e sócia-emérita da SBEnBio, é professora aposentada do Departamento de Metodologia de Ensino e Educação Comparada, na Faculdade de Educação da USP”. A professora-pesquisadora como ela própria reitera esteve imbricada nesse cenário que reportamos:

No IBECC comecei a produzir materiais para professores e alunos na forma de materiais escritos, equipamentos e Kits para experimentos, sempre acompanhados de cursos para professores. Rapidamente o esforço regional em São Paulo transcendeu e passamos a levar os materiais e treinamentos para outros Estados [...] (Krasilchik, 2012, p. 201).

Portanto, podemos inferir que há uma imbricada relação entre a produção acadêmica do campo e a posição de seus agentes em diferentes espaços sociais (universidades, programas e ações). E que essas relações, fortalecem o campo do Ensino de Biologia ao longo de sua trajetória, bem como permite com que a pesquisa acadêmica se torne viva e ativa para sujeitos e instituições.

O ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA: TRAMAS HISTÓRICAS, POLÍTICAS E AFETIVAS

O objeto de análise deste trabalho, o ENEBIO, tem uma história construída nos movimentos de professores(as)-pesquisadores(as) de Ensino de Biologia. Estes movimentos históricos podem ser historiados-narrados por seus atravessamentos com memórias individuais e coletivas, com documentos da SBEnBio, assim como pelas convergências e, por vezes, divergências das políticas públicas educacionais brasileiras.

Retomar as experiências vividas no passado nos direciona a compreender as tessituras do presente e os diálogos possíveis entre estes momentos. Assim, recorremos às vivências, do narrado e do escrito, por outros professores(as)-pesquisadores(as), que nos antecederam na história de criação da SBEnBio e constituem-se agentes com tamanha relevância acadêmica e política no campo do Ensino de Biologia.

Ao historiar a criação da SBEnBio, emergem narrativas que apontam o seu surgimento a partir dos Encontros “Perspectivas do Ensino de Biologia” (EPEB), realizados na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

(USP). Esse evento criado em 1984 pelas professoras Myriam Krasilchik e Silvia Trivelato, iniciou-se em sua primeira edição “[...] com menor número de participantes e na sua estrutura: duas palestras, uma mesa redonda e três grupos de trabalho [...]” (Krasilchik; Trivelato, 1994, p. 15), e sua continuidade passou “[...] a constituir não apenas em momento de reflexão e discussão dos profissionais envolvidos no ensino de Biologia, mas também em uma nova modalidade de atualização de professores” (p. 15).

Recorremos ainda às autoras para inferir que:

O II e o III EPEB demonstraram que os professores de 1º e 2º graus também assumem esse espaço como tal. Se a participação dos professores vinculados a instituições universitárias era mais ou menos esperada (por ser uma prática regular na vida acadêmica, promovida e valorizada pelas instituições), a participação dos professores de 1º e 2º graus nos surpreendeu bastante. Em 1986, quase metade dos quarenta e dois trabalhos apresentados tinham professores como autores. Em 1988 a proporção permaneceu muito parecida, mesmo tendo ocorrido significativo aumento do número de trabalhos apresentados, quase o dobro, atingindo setenta e seis. Mesmo a Secretaria de Educação do Estado reconheceu a importância desses encontros como forma de atualização e incentivou a participação de seus professores com a dispensa de ponto; algumas Delegacias de Ensino do interior paulista organizaram delegações patrocinando transporte e diárias (Krasilchik; Trivelato, 1994, p. 15).

Essa dinâmica, reitera que os agentes do campo estavam em movimentação nas Universidades, mas também na Educação Básica. Assim, esse relato é revelador da posição que os organizadores do EPEB ocupavam no campo do Ensino de Biologia nesse momento da história, e ainda posterior a ele, dotando um conjunto de bens acadêmicos, de maneira que o evento ganha importância nacional, o instituindo de um lado como “fórum de debate e, de outro, vislumbrar o perfil do currículo que vem sendo praticado nas escolas” (Krasilchik; Trivelato, 1994, p. 15).

Na sexta edição do EPEB, o grupo de professores(as)-pesquisadores(as) participantes tiveram a iniciativa de constituir uma entidade que representasse a pesquisa no Ensino de Biologia e a sua relação com a Educação Básica (Ferreira, 2022). Dessa maneira, mediante a atuação de diferentes agentes do campo advindos de diferentes instituições e regionalidades brasileiras é constituída a SBEnBio.

A SBEnBio, formalizada em 1997, passou a se mobilizar para a organização de eventos científicos.

[...] considerávamos que havia a necessidade de unirmos forças para divulgarmos a associação científica em seus primeiros passos. Era necessário que a comunidade de Ensino de Biologia, constituída por professores/as da educação básica, pesquisadores/as e estudantes da Licenciatura pudessem ter conhecimento de que não estavam só nas escolas e universidades e, por isso, era necessário criar encontros [...] (Barzano, 2022, p. 449).

Neste contexto, foram desenvolvidos os primeiros EREBIO em 2001 e 2003, sediados pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), respectivamente. Estes encontros procuraram “articular as experiências docentes com as iniciativas de pesquisa, dando maior visibilidade para as produções de professores da educação básica e de licenciandos em formação inicial” (Ferreira, 2022, p. 465). Nesse sentido, os primeiros encontros regionais mantinham a relação estreita entre pesquisa e Educação Básica, como anteriormente demarcado pelo EPEB.

A organização do terceiro evento,

[...] inaugurou uma nova prática da associação: a realização de um primeiro encontro nacional em parceria com um evento regional. Foi com essa perspectiva que organizamos, então, no ano de 2005, o ‘I Encontro Nacional de Ensino de Biologia & III Encontro Regional de Ensino de Biologia da Regional 2 (RJ/ES)’, um acontecimento que nos marcou profundamente [...] (Ferreira, 2022, p. 465).

Nessa dinâmica, a Diretoria Nacional (DEN) da SBENBIO, organizou os encontros nacionais entrelaçados com os encontros regionais, de acordo com as manifestações de adesão das regionais durante a Assembleia Geral, realizada em cada ENEBIO. Para Shuvartz (2022) a simultaneidade dos eventos (nacional e regional), se constituiu em momentos organizados e sistematizados em busca das bases fortes para as regionais pois, fomentou diversos movimentos entre os professores(as)-pesquisadores(as) associados(as) que levaram ao planejamento, a gestão e a realização dos primeiros encontros regionais. “Logo, já tínhamos encontros regionais sem a simultaneidade com o evento nacional, sempre avançando, mas que só se

concretizaram porque há pessoas e instituições interessadas no sonho e no desafio de (re)fazer Ciência e Educação” (Shuvartz, 2022, p. 410).

A organização dos encontros regionais expandiu-se pelo território nacional, convidando professores(as)-pesquisadores(as) e estudantes, entre outros sujeitos a compor a Associação e sustentando, ao longo desse período, a organização coletiva do ENEBIO. Os encontros proporcionados pelos eventos científicos conectaram experiências-memórias, conhecimentos, saberes, fazeres e afetividades proporcionados na vida-formação de tantos corpos e subjetividades que entrelaçam o Ensino de Biologia. Assim, a estrutura do pensamento e das emoções são um contínuo ao longo do *tempoespaço* materializando o que estes professores(as)-pesquisadores(as) têm produzido nos seus lugares de atuação e reflexão.

Nesses meandros, ressaltamos que o objetivo nesse limiar histórico se constituía na construção desse coletivo que começa a se agrupar e fortalecer, na busca pela consolidação do campo e, consequentemente, de seus agentes. Alcançado esse objetivo e, já com a notoriedade da associação e de professores(as)-pesquisadores(as), anos mais tarde conseguimos extrapolar os horizontes do campo do Ensino de Biologia e ocupar posição em comissões, fóruns e outros que estavam/estão imbricados na (re)constituição de políticas públicas para Educação. E assim, esse movimento vai (re)alinhando às perspectivas reflexivas para o campo no âmbito do evento, que se adensa e complexifica ao dialogar com políticas, sobremaneira, a partir da posição do coletivo sbenbiano.

O ENCONTRO DE ENSINO DE BIOLOGIA EM PERSPECTIVA: NO ATO DE (RE)ENCONTRAR-SE, TESSITURAS SOBRE UM CAMPO DE ESTUDO EM MOVIMENTAÇÃO

No transcorrer dos últimos 20 anos o ENEBIO foi realizado em diferentes Universidades Brasileiras (Quadro 1), percorrendo diferentes regiões e estados do país. Esse fato demonstra o amplo alcance dos agentes que compõem o campo do Ensino de Biologia no Brasil. E reitera, a expansão das Universidades, sobremaneira as públicas, e ainda dos Programas de Pós-graduação *stricto sensu*, espaços esses que ao promoverem a qualificação de diferentes professores(as)-pesquisadores(as) têm articulado forças para

realização das edições do ENEBIO, recepcionando muitas vezes em suas instituições professores(as)-pesquisadores(as) de todo o país para um momento de festa social, acadêmica, política e, portanto formativa dos agentes do campo.

Quadro 1: Ano, instituição responsável, local e temáticas do ENEBIO de 2005 a 2024.

EVENTO	ANO	INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL	LOCAL	TEMA
I Enebio e III Erebio da Regional 2	2005	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro/Rio de Janeiro	Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa
II Enebio e I Erebio da Regional 4	2007	Universidade Federal de Uberlândia	Uberlândia/Minas Gerais	10 anos da SBENBio e o ensino de Biologia no Brasil: histórias entrelaçadas
III Enebio e IV Erebio da Regional 5	2010	Universidade Federal do Ceará	Fortaleza/Ceará	Temas polêmicos e o Ensino de Biologia
IV Enebio e II Erebio da Regional 04	2012	Universidade Federal de Goiás	Goiânia/Goiás	Repensando a experiência e os novos contextos formativos para o Ensino de Biologia
V Enebio e II Erebio da Regional 1	2014	Universidade de São Paulo	São Paulo/São Paulo	Entrelaçando histórias, memórias e currículo no Ensino de Biologia
VI Enebio e VIII Erebio da Regional 3	2016	Universidade Estadual de Maringá	Maringá/Paraná	Políticas Públicas Educacionais – Impactos e Propostas ao Ensino de Biologia
VII Enebio e I Erebio da Regional 6	2018	Universidade Federal do Pará	Belém/Pará	O que a vida tem a ensinar para o ensino de Biologia?
VIII Enebio, VIII Erebio da Regional 5 e II SCEB	2021	Universidade Estadual do Ceará	Fortaleza/Ceará	Itinerário de resistência: pluralidade e laicidade no Ensino de Ciências e Biologia
IX Enebio e VII Erebio da Regional 4	2024	Universidade Estadual de Minas Gerais	Belo Horizonte/Minas Gerais	Ensinar Biologia, ensinar vida: entrelaçando histórias, docências e afetos

Fonte: Produção dos autores.

Através dos dados do Quadro 1, já discutidos em Oliveira-Neto, Cardoso, Shuvartz (2025), podemos apreender que as temáticas das nove edições do ENEBIO estiveram imbricadas às diferentes movimentações do campo. A citar, as (re)significações desde as políticas de formação de professores, reorganizações curriculares para o componente curricular de

Ciências da Natureza e Biologia no *tempoespac*o da Educação Básica, as questões epistemológicas dos processos de ensino-aprendizagem de conceitos e/ou fenômenos da Biologia.

Essa trajetória permitiu, portanto, que diferentes agentes fizessem ecoar saberes-fazeres em coletivo participando de diferentes atividades nos eventos. Enquanto um espaço de trocas, de vida e formação, como um movimento de dança circular onde olhamos a si e *outrem*, ou mesmo, precisamos alinhar-se a um mesmo compasso e cantoria, o ENEBIO se constitui como *lócus* que (re)forma e provoca professores-pesquisadores do campo do Ensino de Biologia de forma a (re)existirem em coletivo por um ensino da vida que se efetive para transformação social (Oliveira-Neto, Cardoso, Shuvartz, 2025, p. 10).

Em seguida, debruçamos as análises crítico-reflexivas em duas dimensões, conforme já anunciamos: 1) Cartaz e/ou identidade visual e 2) Programação Geral das nove edições do ENEBIO.

1) Cartaz e/ou identidade visual das nove edições do ENEBIO

Os cartazes e/ou identidades visuais das edições do ENEBIO revelam as dimensões ética, política e estética que tem (re)constituído os eventos. Nesses meandros, são reveladores de elementos que caracterizam o campo do Ensino de Biologia, mas também as regionalidades dos territórios que recebem o evento, ao que parece em uma tentativa de demonstrar que a produção de conhecimento desse campo está imbricada a VIDA.

Na identidade visual elaborada para o II ENEBIO (Figura 1) é possível apreender a natureza coletiva e amorosa que marca o campo do Ensino de Biologia e, portanto, a SBEnBio e o evento. Como um evento que se propunha a comemorar e tecer narrativas sobre os 10 anos da SBEnBio e a entrelaçar essas as histórias do Ensino de Biologia no Brasil torna-se significativo o emprego da figura das mãos entrelaçadas, demonstrando que na caminhada de proposição da Associação há um coletivo que entre embates e consensos produz narrativas teórico-metodológicas para vivificação do campo em diferentes territórios educativos.

Figura 1: Identidades visuais do II e III ENEBIO.



Fonte - Site da SBEnBio.

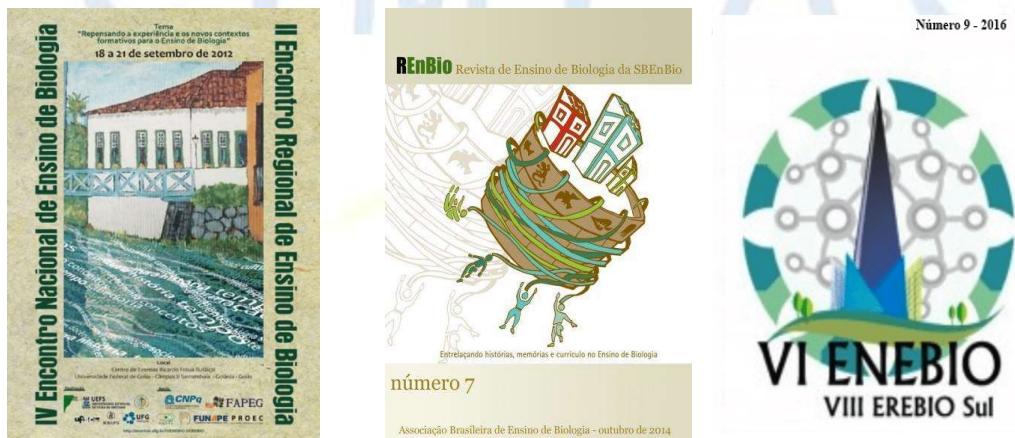
No III ENEBIO visualizamos uma identidade visual que ao expor as regionalidades de um povo evidencia a vida em movimento social, cultural, econômico, político e estético. O Ensino de Biologia enquanto um campo em transformação e que advoga por plenos exercícios de contextualização dos diferentes territórios educativos, sobretudo a escola, com o cotidiano dos sujeitos, mediante uma práxis educativa engajada, crítica e transformadora. No enlace com a temática do evento: “Temas polêmicos e o Ensino de Biologia”, apreendemos uma visualidade que ao gritar regionalidades acaba por elucubrar fundamentos pedagógico-didáticos da aula de Ciências e Biologia que desmarginaliza aspectos da vida ao trabalhar temáticas como origem e evolução das espécies, raça, gênero, sexualidade e outros, já que “[...] o evento estimulou o debate acerca das diversas temáticas que circulam socialmente e suscitam debates sobre a Biologia e seu ensino, tais como aquelas referentes a valores morais, sociais, éticos, estéticos e políticos” (Santos; Martins, 2020, p. 145).

Nessa linha, a visualidade que marca o IV ENEBIO apresenta a casa da ponte, aquela em que viveu a pequena Aninha, e mais tarde na vida a mulher e poetisa Cora Coralina, um obra em óleo produzida por Wagner Luz (Figura 2). “Trazemos Cora Coralina, nossa poetisa da região, para expressar nosso profundo sentimento e agradecimento àqueles e àquelas que, há quinze anos, apostaram na construção coletiva de um grupo” (Goiânia, 2012, p. 03). Assim, a comissão organizadora do evento partilha com os diferentes agentes do campo do Ensino de Biologia guardados de sua história, fazendo fluir pelo rio que passa na lateral da casa da ponte histórias que marcam

[...] quinze anos de SBEEnBio e sete anos de ENEBIO, consideramos que seja o momento propício para repensarmos nossas experiências, seja no compromisso com a formação de professores de Ciências e Biologia, na pesquisa, na discussão das políticas públicas do livro didático, das diretrizes curriculares, na pós-graduação e em outras frentes de atuação. A SBEEnBio hoje já alcançou, em seus quinze anos, o reconhecimento nacional e internacional, principalmente, pelo trabalho e compromisso daquele e daquela que deseja um Ensino de Biologia conectado com as necessidades de criação de conhecimentos capaz de contribuir para que seja cada vez melhor e necessário para a sociedade (Goiânia, 2012, p. 03-04).

Na temática e visualidade que marca o V ENEBIO histórias, memórias e currículos se entrelaçam e, por vezes, parecem (re)fazer consolidar uma narrativa que reformula os objetos de pesquisa do campo: a VIDA. Na visualidade do VI ENEBIO apreendemos o princípio da vida que mantém viva e ativa toda forma de natureza, e que na nossa percepção expõe uma concepção de Meio Ambiente crítica e plural ao estabelecer conexões entre diferentes formas de vida e as construções da humanidade ao expor o que parece a Catedral de Maringá, maior monumento religioso da América do Sul.

Figura 2: Identidades visuais do IV, V e VI ENEBIO.



Fonte - Site da SBEEnBio.

No que tange ao VII ENEBIO e ao IX ENEBIO também apreendemos aspectos regionais para constituição da visualidade que identifica as edições do evento (Figura 3). Como o ENEBIO tem percorrido o país, desde as identidades dos eventos, vamos nos aproximando de um povo e uma cultura, lançando o corpo todo para sentir e ensinar-aprender Biologia permeado de cultura. Um

campo do conhecimento se (re)faz de gente e essa gente pulsa suas raízes culturais, mobilizando narrativas plurais para saber-fazer a Biologia.

Figura 3: Identidades visuais do VII e IX ENEBIO.



Fonte - Sites das edições dos eventos.

Para finalizar, retomamos a visualidade do VIII ENEBIO (Figura 4), evento que sediado pela Universidade Estadual do Ceará acabou ocorrendo online devido a pandemia de Covid-19. Na visualidade do evento uma espécie de símbolo do infinito parece constituir caminhos, nos fazendo questionar: Seriam esses itinerários de resistência marcados pela pluralidade e laicidade que (re)constitui o Ensino de Biologia?, tal como a temática do evento evidencia.

Figura 4: Identidade visual do VIII ENEBIO.



Fonte: Instagram da SBEnBio.

Assim, conjecturamos narrativas de um campo do conhecimento que ao lançar, por meio de atividades de pesquisa, conhecimentos e valores em disputa, se compromete com a humanidade. E, que ao se (re)pensar apostar na pluralidade de ideias.

2) Programação Geral das nove edições do ENEBIO

A análise crítico-reflexiva da programação das nove edições do ENEBIO, ocorreu mediante dois aspectos: **1) Tendências Temáticas e 2)**

Agentes individuais e institucionais. Esperamos com essas ponderações salientar temáticas consolidadas e emergentes e localizar os principais agentes individuais e institucionais que historicamente auxiliaram na manutenção dos bens acadêmicos no campo do Ensino de Biologia.

Inicialmente, torna-se importante referir que ao longo dos anos a programação do ENEBIO vai se ampliando, o que permite abrir espaço para que agentes do campo possam engendrar novas e oportunas reflexões temáticas. Inicialmente, o I ENEBIO contou com

[...] a conferência de abertura, *Influências do pensamento eugênico na Educação Brasileira: desafios para a atualidade*, com as mesas redondas, *Ensino de Biologia: conhecimentos científicos e ética em entrelaces*, *As temáticas ambientais na escola: desafios para o ensino de Biologia*, *Que ser humano cabe no ensino de Biologia?* e *A formação de professores em Biologia como territórios contestados* [...] (Ayres et al., 2005, p. 31).

Em contraposição, a última edição do evento (2024) abarcou uma conferência de abertura, sete mesas-redondas e nove painéis temáticos. A expansão da programação certamente tem relação com o alargamento de reflexões e intersecções que o campo do Ensino de Biologia tem realizado nos últimos anos, mas também com o crescente número de inscritos nos eventos nacionais, que permitem e solicitam algumas temáticas em evidência. Nessa conjuntura, vai ficando evidente um Ensino de Biologia(**S**), à medida que o campo, registrado na programação dos eventos, se mostra dinâmico, inconstante, multidisciplinar e multi-metodológico.

Especificamente, aludimos que as temáticas estão distribuídas em 11 categorias (Quadro 2). Destacamos que das categorias constituídas há um maior número de recorrências para reflexões sobre *Processos de ensino-aprendizagem de Biologia*, *Formação de professores(as) de Biologia* e *Curriculum e Ensino de Biologia*. Esses dados corroboram a produção de Teixeira e Megid-Neto (2006) que ao analisarem a produção sobre Ensino de Biologia reiteram que a partir da década de 1980 há predomínio de estudos, a nível de Dissertações e Teses, que privilegiam os seguintes focos temáticos: Conteúdos e Métodos, Formação de professores, Características dos professores, Currículos e Programas, Recursos Didáticos, Características dos alunos, História e Filosofia da Ciência.

Em outro estudo de Teixeira e Megid-Neto (2017, p. 39), em que analisam 40 anos da produção de Ensino de Biologia a nível da Pós-graduação stricto sensu no Brasil (1972-2011), continuam aferindo

[...] a existência de seis focos de maior incidência de produção, isto é, áreas temáticas as quais a maior parte dos trabalhos está concentrada ao longo dos 40 anos investigados. São elas: Ensino-Aprendizagem (19,6%), Recursos Didáticos (16,2%); Características dos Professores (11,9%); Formação de Professores (11%); Características dos Alunos (10,7%); e Questões Curriculares, Programas e Projetos (9,7%).

Nesse sentido, podemos corroborar que as temáticas emergentes de pesquisa tem se amplificado no cotidiano do ENEBIO. E ainda, que categorias como *Educação Ambiental* e *Educação em Saúde e Espaços não formais, divulgação e popularização das Ciências*, embora tenham se mantido presentes desde as primeiras edições do evento não ganharam centralidade nesses.

Quadro 2: Quantitativo de recorrências das tendências temáticas nas nove edições do ENEBIO.

TENDÊNCIAS TEMÁTICAS	QUANTITATIVO DE RECORRÊNCIAS NO ENEBIO	TOTAL
Processos de ensino-aprendizagem de Biologia	I ENEBIO (3), II ENEBIO (2), IV ENEBIO (4), V ENEBIO (4), VI ENEBIO (5), VII ENEBIO (1), VIII ENEBIO (1), IX ENEBIO (7)	27
Formação de professores(as) de Biologia	I ENEBIO (1), II ENEBIO (1), IV ENEBIO (5), V ENEBIO (2), VI ENEBIO (4), VII ENEBIO (1), VIII ENEBIO (1), IX ENEBIO (3)	18
Curriculum e Ensino de Biologia	IV ENEBIO (1), V ENEBIO (6), VI ENEBIO (2), VII ENEBIO (2), VIII ENEBIO (1), IX ENEBIO (2)	14
Gênero e Sexualidade no Ensino de Biologia	IV ENEBIO (1), V ENEBIO (1), VI ENEBIO (1), VII ENEBIO (2), VIII ENEBIO (1), IX ENEBIO (1)	7
Educação Ambiental e Educação em Saúde	I ENEBIO (1), IV ENEBIO (1), V ENEBIO (1), VI ENEBIO (1), VII ENEBIO (1), IX ENEBIO (1)	6
Espaços não formais, divulgação e popularização das Ciências	II ENEBIO (1), IV ENEBIO (1), V ENEBIO (1), VI ENEBIO (1), VII ENEBIO (1), IX ENEBIO (1)	6
Epistemologias insurgentes no Ensino de Biologia	VI ENEBIO (1), VIII ENEBIO (1), IX ENEBIO (2)	4
História e epistemologia da Ciência e o Ensino de Biologia no Brasil	II ENEBIO (1), VII ENEBIO (2), VIII ENEBIO (1)	4
Encontros entre Arte e Ensino de Biologia	V ENEBIO (1), VII ENEBIO (2), VIII ENEBIO (1)	4

Pós-graduação e Ensino de Biologia	IV ENEBIO (1), V ENEBIO (1), IX ENEBIO (1)	3
Inclusão e Ensino de Biologia	VI ENEBIO (1), VII ENEBIO (1)	2

Fonte - Produção dos autores.

Diferentemente as reflexões sobre *Gênero e Sexualidade no Ensino de Biologia*, emergem apenas a partir do IV ENEBIO, conseguindo posteriormente se manter presente nas edições do evento. Essa categoria somada às temáticas de *História e epistemologia da Ciência e o Ensino de Biologia no Brasil* e *Encontros entre Arte e Ensino de Biologia*, que contam com quatro recorrências, *Pós-graduação e Ensino de Biologia*, três recorrências, e *Inclusão e Ensino de Biologia* com duas emergências podem ser consideradas temáticas marginais no evento.

Ao ocupar as margens acabam por evidenciar a dificuldade do Ensino de Biologia em tecer redes reflexivas sobre algumas temáticas, a saber, por exemplo, as questões de gênero, sexualidade e inclusão, o que por sua vez também reflete a estrutura social que nos inserimos, sobremaneira, machista, racista, misógena e heteronormativa. No entanto, enquanto um campo de ordem acadêmica e política precisamos constituir frestas para dialogar e problematizar essas questões que cotidianamente dizem do trabalho que professores(as)-pesquisadores(as) vivenciam em distintos *tempoespacos* educativos. E assim, frente a essa questão corroboramos Paraíso e Caldeira (2018, p. 14 apud Santos, Martins, 2020, p. 149) de que o Ensino de Biologia constitui-se “[...] território político, ético e estético incontrolável que, se é usada para regular e ordenar, pode também ser território de escapes de todos os tipos, no qual se definem e constroem percursos inusitados [...] trajetos grávidos de esperança a serem percorridos”.

No que diz respeito à categoria *Epistemologias insurgentes no Ensino de Biologia* ressaltamos a pluralidade de temáticas que a caracterizam, retomando as seguintes atividades dos eventos: *Observatório da Educação para Biodiversidade: o papel da alteridade no discurso da diversidade* (VIII ENEBIO); *Interculturalidade e Ecologia de Saberes no Ensino de Ciências e Biologia* (VI ENEBIO); *Decolonialidades: potencialidades e sentidos no ensino de Ciências e*

Biologia (IX ENEBIO) e Ciências e Biologia na Educação do Campo e na Educação Indígena e na Educação Quilombola: aproximações e singularidades (IX ENEBIO). Nesse limiar, essas temáticas marginais não conseguiram ganhar força ao longo das edições dos eventos, portanto quando aludimos as discussões sobre os processos de formação e de ensino-aprendizagem que envolvam sujeitos do campo, indígenas e quilombolas, nos fazendo questionar: estaria o campo do Ensino de Biologia negligenciando essas reflexões? ou ainda: os agentes individuais e institucionais que ocupam esses limiares territoriais e acadêmicos não apresentam ainda forma motriz para fazer urdir no campo uma virada epistemológica?

Enquanto um exercício de síntese, ponderamos que a insurgência das temáticas no evento estão alinhadas aos mecanismos de poder dentro do campo e ainda, ao perfil racial das classes de seus agentes hegemônicos. E, nessa conjuntura, salientamos que há *tempoespac*o para novas e oportunas pesquisas que trabalhem marcadores de gênero, raça e inclusão na (re)construção do campo do Ensino de Biologia.

Em continuidade, partimos para os apontamentos sobre os agentes individuais e institucionais que se fizeram presentes ao longo das realizações do ENEBIO. Um total de 220 agentes individuais, a partir dos dados coletados, que não abarcam a terceira edição do evento, estiveram presentes na programação geral dos eventos. Professores(as)-pesquisadores(as) conhecidos no cenário nacional pela histórica atuação no Ensino de Biologia ocupam as primeiras posições do Quadro 3, sujeitos esses que estiveram envolvidos não apenas com o ENEBIO, mas também com os EPEB na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo desde a década de 1980.

Quadro 3: Quantitativo de recorrências de agentes individuais e institucionais nas nove edições do ENEBIO.

AGENTES INDIVIDUAIS E INSTITUCIONAIS	QUANTITATIVO DE INDIVIDUAL DE RECORRÊNCIAS DOS PESQUISADORES NA PROGRAMAÇÃO NO ENEBIO
Ana Cléa Braga Moreira Ayres (UFRJ)	8
Sandra Escovedo Selles (UFF), Martha Marandino (USP), Clarice Sumi Kawasaki (USP), Clarice Sumi Kawasaki (USP), Marco Antônio Leandro Barzano (UEFS)	7

Márcia Serra Ferreira (UFRJ), Lúcia Estevinho Guido (UFU), Antônio Carlos Rodrigues de Amorim (Unicamp)	6
Adriana Mohr (UFSC), Silvia Nogueira Chaves (UFPA)	5
Leandro Duso (UFSC) e Nélio Bizzo (USP e UNIFESP)	4
Silvia Luzia Frateschi Trivelato (USP), Alessandra Bizerra (USP), Alice Alexandre Pagan (UFS), Daniela Franco Carvalho (UFU), Daniela Franco Carvalho (UFU), Danilo Seithi Kato (UFTM e USP), Denise de Freitas (UFSCar), Elenita Pinheiro de Queiroz Silva (UFU), Leandro Belinaso Guimarães (UFSC), Mariana Lima Vilela (Colégio de Aplicação/UFRJ e UFF), Marcos Lopes de Souza (UESB), Marlécio Maknamara (UFAL e UFRN), Neli Britto (UFSC), Rosana Louro Ferreira Silva (UFABC e USP) e Shaula Sampaio (UFAL e USP)	3
Cícero Magérbio Gomes Torres (URCA), Cláudia Sepúlveda (UEFS), Elisabeth Macedo (UERJ), Fábio Augusto Rodrigues e Silva (UFOP), Francisco Setúbal (UESB), Jaqueline Girão (UFRJ), José Artur Fernandes (UFSCar), José Roberto Feitosa Silva (UFC e CFBio), Lana Claudia de Souza Fonseca (UFRRJ), Lenice Heloísa de Arruda Silva (UFGD), Ligia Ferreira Machado (UFRRJ), Luiz Marcelo de Carvalho (USP), Maria Cristina Pansera de Araújo (UNIJUÍ), Mariana Cassab (UFJF), Marilda Shuvartz (UFG), Mário Amorim (UECE), Marsílio Gonçalves Pereira (UFPB), Rodrigo Borba (UFF e UEMG), Sandra Nazaré Dias Bastos (UFPA), Sandro Prado Santos (UFU), Suzani Cassiani (UFSC), Welton Yudi Oda (UFAM)	2

Fonte - Produção dos autores.

Os professores(as)-pesquisadores(as) mencionados são partícipes centrais da história do campo e, portanto, angariam e atuam pela manutenção e alargamento dos bens acadêmicos do Ensino de Biologia no Brasil. Esse fato implica inferir que esses agentes individuais estão ligados a agentes institucionais que permitem assegurar o Ensino de Biologia como campo de pesquisa (Diniz-Pereira, 2013), científico (Bourdieu, 1994) e acadêmico (Hey, 2008).

Conquanto, ganham destaque como agentes institucionais as Universidades Públicas e em menor proporção as Universidade Privadas e as Redes Estaduais e Municipais de Ensino. No que tange a participação de agentes individuais que ocupam posição na Educação Básica destacamos a busca efetiva do campo em constituir enquanto *habitus* a presença desses sujeitos na programação geral do evento, mas também apresentando trabalhos e participando como ouvintes, embora ainda em menor proporção em relação aos agentes individuais que estão ligados a Universidades Públicas e Privadas.

A decisão ética e política dessa posição (re)afirma a imbricada relação entre Universidade-Escola, Forma-Conteúdo e Teoria-Prática na dinâmica de produção e divulgação do conhecimento teórico-metodológico (re)constituído e disputado pelo campo. Essa relação, está imbricada a outras decisões do campo, a saber a publicação de relatos de experiência na REnBio (Qualis A1/Área Ensino) como possibilidade para que professores(as) atuantes em diferentes espaços educativos, sobremaneira a escola, possam compartilhar suas investigações.

Importante mencionarmos que interlocutores internacionais estiveram presentes nas nove edições do ENEBIO, destacando o compromisso do campo brasileiro com a internacionalização, bem como valorando a posição de agentes individuais e institucionais em outras partes do globo. Consideramos ainda que muitos outros agentes individuais e institucionais estiveram presentes na programação geral do ENEBIO com uma recorrência. Esse último dado permite ponderarmos que o campo encontra-se sempre aberto para novos agentes, e ainda que uma geração contemporânea de professores(as)-pesquisadores(as) emerge no cenário nacional/internacional.

CONSIDERAÇÕES (EM)TRANSFORMAÇÃO

As tessituras reflexivas que empreendemos neste manuscrito através de uma atividade de pesquisa nos permitem elucidar os objetos de estudo e os bens acadêmicos que caracterizam o Ensino de Biologia enquanto campo de pesquisa, científico e acadêmico. E ainda, como objeto das políticas públicas para a Educação no contexto brasileiro. Nesse ínterim, ressaltamos a relevância da realização do ENEBIO por permitir agentes individuais e institucionais do campo apreender os objetos de pesquisa que historicamente emergem no mesmo.

Celebramos uma trajetória em transformação do campo do Ensino de Biologia no Brasil, sobremaneira com a (re)constituição da SBEnBio e a realização do ENEBIO, mas aludimos que ainda há muito a percorrer e avançar na/para que esses territórios formativos consigam efetivar uma postura crítica e de transformação dos processos de ensino-aprendizagem da Escola a

Universidade. Por fim, desejamos força a SBEnBio e, consequentemente, a seus agentes individuais e institucionais para realização do ENEBIO, na certeza de que este é instância coletiva de diálogo, embates, consensos e amorosidade, permitindo sublinharmos nos escritos da vida-formação que fazemos ecoar f(r)estas para novos possíveis.

REFERÊNCIAS

- ALVES, W. F. A formação de professores e as teorias do saber docente: contextos, dúvidas e desafios. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 263-280, 2007.
- AYRES, A. C. M.; DORVILLÉ, L. F. M.; GOMES, M. M.; COSTA, C. M. S.; VILELA, M. L.; LIMA, M. J. G. S.; SOARES, M.; AZEVEDO, M. Prefácio. **Anais do I Encontro Nacional de Ensino de Biologia; III Encontro Regional de Ensino de Biologia: RJ/ES**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia, 2005.
- BARZANO, M. A. L. Falar de si para escrever sobre os 25 anos da SBEnBio: memórias, afeto e luta. **REnBio - Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 15, p. 448-461, 2022.
- BOURDIEU, P. O Campo científico. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. Col. Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1994.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- CASAGRANDE, R. C.; MAINARDES, J. O campo acadêmico da Educação Especial no Brasil. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v. 27, p. 119-138, 2021.
- DINIZ-PEREIRA, J. E. A construção do campo da pesquisa sobre formação de professores. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 127-136, 2013.
- FERREIRA, M. S. Sobre a experiência de me constituir na SBEnBio e na UFRJ: memórias de uma professora-pesquisadora. **REnBio - Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 15, p. 462-469, 2022.
- FERREIRA, G. L.; SANTOS, S. P.; TRÓPIA, G.; VIGÁRIO, A. F.; FREITAS, C. A. **Trajetórias em festa**: nos 15 anos da Regional IV da SBEnBio. Uberlândia-MG: Culturatrix, 2022.
- FERNANDES, R. A. C. **Formação continuada de professores no campo da Educação Matemática: perspectivas do conhecimento praxiológico**. Tese

(Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PRPG), Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática. Goiânia, 2020.

FRACALANZA, H. **O que sabemos sobre os livros didáticos para o ensino de ciências no Brasil**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1992.

GOIÂNIA. Programação e Caderno de resumos do IV ENEBIO e II EREBIO MG/GO/TO/DF. Goiânia, 2012.

HEY, A. P. Fronteira viva: o campo acadêmico e o campo político do Brasil. In: AZEVEDO, M., L. N. (Org.). **Políticas públicas e educação: debates contemporâneos**. Maringá: Eduem, 2008.

KRASILCHIK, M. Reformas e realidades: o caso do ensino de Ciências. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 01, p. 85-93, 2000.

KRASILCHIK, M.; TRIVELATO, S. Dez anos de encontros “Perspectivas do Ensino de Biologia”. In: **Coletânea do 5º Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia**. Editado por Nelio Marco Vincenzo Bizzo e Silvia Luzia Frateschi Trivelato. São Paulo: FEUSP, 1994.

KRASILCHIK, M. Trajetória de uma professora de Biologia. In: CARVALHO, A. M. P.; CACHAPUZ, A. F.; GIL-PÉREZ, D. (Org.). **O ensino das Ciências como compromisso científico e social: caminhos que percorremos**. São Paulo: Cortez, 2012.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v.10. p. 37-45, 2007.

MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S.; AMORIM, A. C. R. Apresentação. **Anais do I Encontro Nacional de Ensino de Biologia; III Encontro Regional de Ensino de Biologia: RJ/ES**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia, 2005a.

MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S.; AMORIM, A. C. R. **Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa**. Niterói: EdUFF, 2005b.

MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S. **Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos**. São Paulo: Cortez, 2018.

MEGID-NETO, J. **Tendências da pesquisa acadêmica sobre o ensino de Ciências no nível fundamental**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999.

MEGID-NETO, J. Origens e desenvolvimento do campo de pesquisa em Educação em Ciências no Brasil. In: NARDI, R.; GONÇALVES, T. V. O. **A pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática no Brasil: memórias, programas e consolidação da pesquisa na área.** São Paulo: ELF, 2014, p. 98-139.

MILITÃO, A. N.; OLIVEIRA, V. M. F.; FONTANA, M. I. Os objetos de estudo nas pesquisas do campo de formação de professores. In: SILVA, K. A. C. P. C.; PEREIRA, V. C. V.; SANTOS, Q. D. O. **A formação de professores: trajetórias da pesquisa e do campo epistemológico.** Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2024.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

OLIVEIRA-NETO, J. F.; CARDOSO, E. C. F.; SHUVARTZ, M. Encontro Nacional de Ensino de Biologia: incursões históricas, relações temáticas e aventuras coletivas-formativas. **Anais do IX Encontro Nacional de Ensino de Biologia & VII Encontro Regional de Ensino de Biologia da Regional 4 (MG/GO/TO/DF) (livro eletrônico): ensinar biologia, ensinar vida: entrelaçando histórias, docências e afetos / editores Rodrigo Cerqueira do Nascimento Borba, Gustavo Lopes Ferreira.** Belo Horizonte, MG: Sbenbio Nacional, 2025.

RIBEIRO, T. V. **O sub-campo brasileiro da pesquisa em ensino de ciências CTS (Ciência-Tecnologia-Sociedade): um espaço em reconstrução.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PRPG), Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática. Goiânia, 2015.

SANTOS, S. P.; MARTINS, M. M. Entre encontros e ensino de Biologia e gêneros e sexualidades: sopros e insurgências de uma biologia menor. **REnBio - Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 13, n. 01, p. 141-152, 2020

SANTOS, S. P.; GOMES, M. M. P. L.; DUSO, L.; SILVA, M. B. Apresentação ou agradecimento aos 25 anos da SBEnBio de lutas e re-existências que nos encorajam e nos fortalecem. **REnBio - Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 15, nesp., p. 333-337, 2022.

SANTOS, S. P.; DUSO, L.; MARADINO, M.; SELLES, S. L. E. Bate-papo com Myriam Krasilchik. **REnBio - Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 15, nesp., p. 338-347, 2022.

SHUVARTZ, M. Memórias de uma professora pesquisadora: o IV ENEBIO e o II EREBIO em Goiânia, Goiás. In: FERREIRA, G. L.; SANTOS, S. P.; TRÓPIA, G.; VIGÁRIO, A. F.; FREITAS, C. A. **Trajetórias em festa:** nos 15 anos da Regional IV da SBEnBio. Uberlândia-MG: Culturatrix, 2022.

SHUVARTZ, M. Memórias do vivido e do sonhado na Regional IV da Associação Brasileira de Ensino de Biologia. **REnBio - Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 15, p. 408-421, 2022.

SILVA, E. P. Q.; CUNHA, A. M. O.; CICILLINI, G. A. Uma história, muitas histórias: memórias do II ENEBIO e I EREBIO da Regional 4. In: FERREIRA, G. L.; SANTOS, S. P.; TRÓPIA, G.; VIGÁRIO, A. F.; FREITAS, C. A.

Trajetórias em festa: nos 15 anos da Regional IV da SBEnBio. Uberlândia-MG: Culturatrix, 2022.

TEIXEIRA, P. M. M. **Pesquisa em Ensino de Biologia no Brasil (1972-2004): um estudo baseado em dissertações e teses.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2008.

TEIXEIRA, P. M. M. A pesquisa em Ensino de Biologia no Brasil (1972-2011): um olhar sobre as teses de doutorado. **Anais do X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Águas de Lindóia, SP, 2015. *REnBio - Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, v. 15, n. 02, p. 970-990, 2022.

TEIXEIRA, P. M. M.; MEGID NETO, J. Investigando a pesquisa educacional. Um estudo enfocando dissertações e teses sobre o ensino de Biologia no Brasil. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 261–282, 2006.

TEIXEIRA, P. M. M.; MEGID NETO, J. O estado da arte da pesquisa em ensino de Biologia no Brasil: um panorama baseado na análise de dissertações e teses. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, Vigo, v. 11, n. 02, p. 273-297, 2012.

TEIXEIRA, P. M. M.; MEGID NETO, J. A produção acadêmica em Ensino de Biologia no Brasil - 40 anos (1972-2011): Base Institucional e Tendências Temáticas e Metodológicas. **RBPEC**, Belo Horizonte, v. 17, v. 02, p. 521-549, 2017.